

○ SISTEMA DE ESCRITA DA LÍNGUA JAPONESA E ALGUNS ASPECTOS DA SUA HISTÓRIA

*Junko Ota**

Resumo: *O presente artigo tem como objetivo descrever o atual sistema de escrita adotado pelos japoneses e abordar alguns aspectos das letras que contribuíram historicamente para a formação desse sistema.*

Palavras-chave: *língua japonesa, história da escrita, ideogramas chineses, fonogramas.*

1. ○ SISTEMA ATUAL DE ESCRITA JAPONESA

É possível afirmar que o atual sistema de escrita da língua japonesa pressupõe dois sub-sistemas, uma vez que é constituído de:

- a) ideogramas chineses, comumente chamados de *kanji* “letras da dinastia Hang”, com as leituras chinesa e japonesa, e
- b) dois tipos de fonogramas, *hiragana* e *katakana*.

Os fonogramas ou silabários representam o som silábico, cada letra representando o som de uma vogal ou da junção de uma consoante e uma vogal, o que os distingue essencialmente dos ideogramas que representam um conceito, uma idéia, cuja leitura pode ser chinesa ou japonesa. Usam-se hoje 46 de cada um dos fonogramas e suas combinações, e por volta de dois mil ideogramas para escrever o japonês. Esses dois sistemas de escrita totalmente diferentes coexistem hoje na língua japonesa, como resultado da evolução e também da permanência dos ideogramas chineses introduzidos no Japão.

* A autora é Prof^a. Dr^a. do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH/USP.

Há, no mundo, poucas línguas que possuem tal complexidade, podendo-se estabelecer correspondência com a língua coreana na Coreia do Sul, onde se tem adotado a escrita mista de fonograma hangul e ideogramas chineses, porém a política lingüística atual do país parece ser a de usar cada vez mais o hangul, substituindo-se gradualmente os ideogramas chineses, diferentemente do Japão, que tem optado pela manutenção do seu uso.

Porém, não se usam hoje no Japão todos os ideogramas chineses existentes. O maior dicionário de ideogramas, *Daikanwa Jiten* “Grande Dicionário de Ideogramas Chineses/Japoneses”, do lingüista japonês Tetsuji Morohashi, compilado em 1959, registra 49.964 caracteres no total, incluindo as variantes de todos os caracteres que existiram até então. De fato, existiu a preocupação de se restringir o número de ideogramas em uso já em 1923, quando o Ministério de Educação instituiu pela primeira vez o Quadro de Ideogramas para Uso Comum, e seguidamente em 1942, mas nenhum quadro foi colocado em prática devido aos incidentes do terremoto e da guerra. O primeiro quadro que realmente foi instituído foi o Quadro de Ideogramas Atuais, *Tôyô Kanjihyô*, em 1946, estabelecendo 1.850 caracteres que incluíam os 881 para ensino obrigatório no primeiro ciclo.

O Quadro de Ideogramas Usuais, *Jôyô Kanjihyô*, atualmente vigente, foi instituído em 1981 pelo Ministério de Educação para servir de parâmetro na restrição do uso geral de ideogramas em textos oficiais e nos meios de comunicação, e contém 1.945 caracteres, sem contar os 166 para uso em nomes próprios. Dentro desse Quadro, 996 são ensinados no 1º ciclo do ensino obrigatório, do 1º ao 6º ano do primário do Japão.

Os ideogramas utilizados no Japão são majoritariamente chineses, mas há também aqueles criados pelos próprios japoneses, chamados “letras vernáculas”, *kokuji*, sobretudo para representar o léxico referente às espécies da fauna e da flora inexistentes na China.

Dentro do sistema de escrita japonesa, os ideogramas são na sua maioria associados a dois tipos de leituras: um, de origem chinesa adaptada ao sistema fonológico japonês e outro, da tradução japonesa de conceitos representados por ideogramas. A leitura (de origem) chinesa é usada predominantemente quando ocorre a combinação de dois ou mais caracteres

na expressão de um determinado conceito. A leitura japonesa de ideogramas ocorre predominantemente quando o ideograma é usado para escrever os termos de origem japonesa, podendo ser encontrada, por exemplo, nas raízes de verbos e adjetivos.

Enquanto os ideogramas desempenham um papel fundamental no léxico devido à carga informacional neles contida, o fonograma *hiragana*, por sua vez, representa as partes essenciais da estrutura frasal japonesa: os morfemas indicadores de sujeito, objetos direto e indireto, lugar, tempo etc. que ocupam a parte final de cada unidade sintática, além de expressões de negação, polidez, passado, volição, que se posicionam na parte final da frase.¹ Ainda, as desinências flexíveis de verbos são sempre escritas em *hiragana*.

Outro fonograma, o *katakana*, representa os empréstimos de línguas ocidentais e os nomes estrangeiros, a maioria das expressões onomatopaicas, além de ser utilizado na substituição de termos usualmente escritos em outras letras, enquanto recurso estilístico.

No Japão, adota-se hoje o sistema de escrita que usa juntamente os ideogramas e os fonogramas *hiragana* e *katakana*, constituindo o “texto misto de ideogramas e fonogramas” (*kanji kana majiri bun*), embora se faça também uso de outras letras, como as de alfabeto romano. Há quem afirme, no entanto, que o *hiragana* e os ideogramas assumem um papel fundamental, como por exemplo Satake (1988). O teórico emprega o nome de “texto misto de ideogramas e *hiragana*” (*kanji hiragana majiri bun*), excluindo o fonograma *katakana*. Ele considera a relevância do *hiragana* sobre o *katakana* dentro da frase, pois aquele representa elementos gramaticais e modais, enquanto este se limita a representar palavras de origem ocidental e expressões onomatopaicas. Mas, na nossa opinião, não é desprezível o número de estrangeirismos que tem aumentado sobretudo após a segunda guerra mundial que, apesar da alta rotatividade, tem marcado sua presença dentro do léxico da língua japonesa.

Apresentamos, a seguir, um exemplo contendo ideogramas e fonogramas:

¹ A estrutura frasal da língua japonesa constitui-se de SOV (sujeito+objetos+verbo), contrastando-se com a estrutura da língua chinesa que apresenta a ordem de SVO (sujeito+verbo+objeto).

レストランで／日本語の／先生を／見ました。

Restoran-de / nihongo-no / sensei-o / mi-mashi-ta.

(restaurante-LOCAL/japonês-GENITIVO/professor-O.DIRETO/ver-POLIDEZ-CONCLUSIVO)

“Vi o professor de japonês no restaurante”

Os ideogramas, que expressam noções e idéias, representam no exemplo citado o substantivo *nihongo* “língua japonesa”, *sensei* “professor” e a raiz do verbo *miru* “ver”.

O fonograma *hiragana* grafa elementos considerados relacionais, como morfemas que indicam a relação sintática dos elementos constituintes da oração, tais como o *de* indicando lugar, *no* indicando o caso genitivo e *o* de acusativo, bem como os morfemas de polidez *mashi*, de ação conclusa *ta* etc.

O *katakana*, por sua vez, é empregado para escrever palavras de origem estrangeira, principalmente ocidental, como *resutoran*, proveniente do inglês *restaurant*.

Há uma divisão clara de papéis entre os ideogramas – representando conceitos e noções em termos de origens japonesa e chinesa – o *hiragana* – indicando funções sintáticas e elementos modais, e o *katakana* – representando termos de origem ocidental e onomatopéias.

As formas das letras se distinguem pelo maior grau de complexidade dos traços nos caracteres chineses e dentre os fonogramas, o *hiragana* se caracteriza por seus traços arredondados e o *katakana*, por seus traços angulosos. Apoiado nessas características próprias de cada tipo de letra, o texto, em seu conjunto, constitui uma organização de diferentes tipos de escrita, cada um com suas convenções. É justamente essa variedade visual existente no texto que dispensa a separação entre um termo e outro, ou seja, *wakachigaki* “separação de escrita” (Nomura: 1975).

Uma pesquisa realizada em 1971 com jornais japoneses mostra que os ideogramas ocupavam 46,1% da totalidade de ocorrência, o *hiragana* 35,3% e *katakana* 6,1%, sendo que o restante foram alfabeto romano, numerais e símbolos (Kyôdô Tsûshinsha: 1971, *apud* Okimori: 1997), e acreditamos que o quadro não tenha sofrido grandes modificações até hoje.

O texto em japonês é tradicionalmente escrito no sentido vertical mas, hoje, encontram-se também os escritos em linhas horizontais, principalmente em documentos e nos textos científicos com fórmulas contendo algarismos arábicos ou exemplos grafados em alfabeto romano.

O sistema de escrita, inexistente no início da civilização japonesa, começou a tomar forma com a introdução dos caracteres chineses no Japão e, desde então, sofreu inúmeras modificações ao longo dos séculos, até chegar ao estado atual.

2. A INTRODUÇÃO DA ESCRITA NO JAPÃO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

A introdução dos ideogramas chineses no Japão foi certamente uma conquista importante e um marco na história do país, que até o século IV desconhecia a escrita. A primeira transmissão da escrita chinesa parece ter ocorrido entre séculos IV e V, através das inscrições em empunhaduras de espadas e espelhos de cobre trazidos da China. Livros chineses sobre filosofia e traduções chinesas de doutrinas budistas escritas originalmente em sânscrito foram trazidos ao Japão por volta dos séculos V e VI, e estudados pelos japoneses.

Acredita-se que foi por volta desse período que os japoneses, eles próprios, passaram a estudar a escrita chinesa, reproduzindo textos em chinês na sua fase inicial. Mas entre as línguas chinesa e japonesa há diferenças muito grandes: a primeira é uma língua tonal, isolante e com a estrutura frasal SVO, e a segunda, uma língua predominantemente atonal, aglutinante e com a estrutura SOV.

Não obstante as diferenças existentes entre as duas línguas, e mesmo com muitos dos primeiros escritores desconhecendo a fala chinesa, deu-se, no Japão do século VII, início à tradição da escrita de textos em chinês (*kanbun*), que teve continuidade, com maior ou menor variação, por muitos séculos até o fim do século XIX, antes da Revolução Meiji. Até o início do período Meiji, os japoneses, ainda voltados para a cultura milenar chinesa e inspirando-se nela cultural e filosoficamente, tinham a consciência de que o

texto marcado pelo tom formal ou oficial deveria ser escrito em estilo chinês. Atribui-se, ainda, ao conhecimento profundo da língua chinesa dos japoneses a facilidade com que se traduziram termos ocidentais na adequação aos novos tempos por ocasião da Revolução Meiji, quando se introduziu uma profusão de informações do Ocidente, um mundo até então desconhecido.

O contato com a língua chinesa propiciou a prática de se escrever em chinês – foi o caso do registro histórico *Nihonshoki*, compilado sob ordem imperial em 720, e do registro *Kojiki*, compilado em 712, este já escrito em chinês com algumas adaptações (*junkanbun*). Mas escrever utilizando ideogramas chineses não era trabalho fácil, como registra Ôno Yasumaro no prefácio da obra *Kojiki*:

“Entretanto, é um tempo antigo, todas as palavras e os significados são simples e expressar-se em frases e montar os versos utilizando-se das letras⁵⁶ é deveras difícil. Escrevendo tudo através do estilo japonês⁵⁷, não coincidiriam as palavras e os sentidos⁵⁸ e, escrevendo tudo através do estilo chinês⁵⁹, a narrativa dos fatos tornar-se-ia deveras longa.”

⁵⁶ Isto é, expressar-se por escrito por meio dos ideogramas chineses.

⁵⁷ Estilo japonês, literalmente “leitura pelo significado”, é a utilização do ideograma chinês no seu aspecto semântico.

⁵⁸ Isto é, não haveria coincidência dos significados dos ideogramas com o das palavras antigas em japonês.

⁵⁹ Estilo chinês, literalmente “leitura pelo som”, é a utilização do ideograma chinês com o aproveitamento apenas de seu caráter fonético.

(de *Kojiki*, tradução e notas de Mietto: inédita)

A ORIGEM DO FONOGRAMA HIRAGANA

Ao longo do exercício árduo de se escrever em letras estrangeiras, os japoneses passaram primeiramente a escrever os nomes próprios japone-

ses, utilizando caracteres chineses. Para tanto, fizeram uso de ideogramas levando em conta apenas o som atribuído a cada um deles, sem considerar o conceito associado. A primeira inscrição que atesta tal fato data do ano 471, na espada encontrada na província de Saitama.

Posteriormente apareceram as frases inteiras escritas em japonês. As citadas obras *Nihonshoki* e *Kojiki* continham poemas compostos segundo a sintaxe japonesa, aproveitando os ideogramas chineses como fonogramas, ignorando-se portanto os conceitos a eles associados. Aparecem então os morfemas, indicando funções gramaticais próprias da língua japonesa, representados pelos mesmos ideogramas.

Mas foi na antologia poética *Man'yōshū*, considerada a primeira obra literária japonesa, compilada em 759, que se vêem registrados poemas predominantemente escritos em sintaxe japonesa com o aproveitamento apenas da parte fonética dos ideogramas. A alta incidência dos ideogramas utilizados para representação como fonogramas nessa obra deu-lhes a denominação de *man'yōgana*, literalmente “fonograma Manyō”. Essa representação fonogramática de ideogramas tem seus precedentes na própria língua chinesa, em sua utilização para a transcrição de nomes próprios estrangeiros e de orações em sânscrito.

Porém, o uso do *man'yōgana* acarretava alguns problemas:

- a) a correlação som/letra tornava a escrita extensa demais, como já havia apontado com precisão Ôno Yasumaro no prefácio de *Kojiki*, uma vez que cada som deveria ser representado por um ideograma;
- b) a escrita era trabalhosa porque cada ideograma possui vários traços;
- c) a apreensão imediata do significado dos termos tornava-se bastante prejudicada, devido à utilização de ideogramas originariamente portadores de conceitos.

Assim, a partir do *man'yōgana* que foi escrito em forma cursiva, desenvolveu-se na sociedade aristocrática de por volta do século IX o fonograma *hiragana*, que se manifestava nos diários, cartas e poemas trocados pelos nobres entre si. Usava-se predominantemente a grafia *hiragana*, com alguns poucos ideogramas, buscando-se um efeito estilístico pela harmonia das letras de diferentes tamanhos, com inclinações diversas, pela

utilização do claro e o escuro da caligrafia a nanquim, além do cuidado com a escolha do papel.

Com relação a textos em prosa, havia no Japão, até o fim do século VIII, diferentes tipos de textos: em chinês autêntico; em chinês com algumas adaptações para a sintaxe japonesa; em japonês, porém com *man'yōgana* (os ideogramas utilizados como representação de som); e ainda, um tipo de texto chamado *senmyō*, em que os ideogramas em tamanho maior representavam os conceitos próprios, e os ideogramas em tamanho menor eram os *man'yōgana*. O texto de estilo *senmyō* era usado para ordens imperiais e orações para rituais xintoístas e supõe-se ser a forma que deu origem ao atual sistema de escrita, uma vez que os *man'yōgana* passam a ser substituídos pela sua forma cursiva, o *hiragana*.

A ORIGEM DO FONOGRAMA KATAKANA

Outro fonograma, o *katakana*, são letras formadas de partes de ideogramas, tendo sido criado também por volta do século IX pelos monges e nobres letrados. A origem do *katakana* é atribuída a anotações inseridas em textos chineses para facilitar sua leitura/tradução.

A diferença sintática existente entre as duas línguas fez com que os monges e nobres japoneses, estudiosos de sutras budistas e de textos chineses, desenvolvessem um sistema de leitura chamado *kanbun kundoku*² “leitura japonesa do texto chinês”, para adaptar o original chinês à leitura ou tradução em japonês, a língua-alvo. Os materiais existentes indicam que no Japão, desde o século VIII até o século XIV, praticava-se a leitura japonesa dos textos chineses por esse sistema de *kanbun kundoku*. É um método de leitura voltado ao processo de tradução, com certas adaptações, pois visa a apoiar-se no texto em chinês autêntico. Com a finalidade de facilitar a lei-

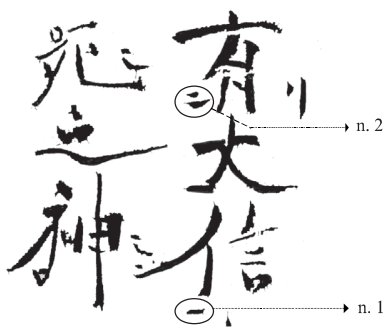
² Segundo Kindaichi (1995), o sistema de leitura do texto chinês em língua do país existiu também em outras línguas que tiveram contato com a cultura chinesa, como o coreano, *uygur* (língua falada em Uygur, atual região noroeste da China) e vietnamita. O modo de leitura diferia ligeiramente de uma língua para outra.

tura, os monges e estudiosos de textos chineses escreviam nas entrelinhas os *man'yōgana*, só representando o som, que foram posteriormente substituídos por pontos e sinais marcados ao redor dos caracteres do texto principal ou sobre os mesmos. A marcação desses sinais era feita ora com pó branco (*gofun*) ora com tintas de cor vermelha, preta, azul anil, verde, ou, em alguns casos especiais, era feita mediante riscos no papel, utilizando objetos rígidos como marfim, chifre, bambu e outros.

Havia diferentes formas de adaptação para a leitura/tradução do chinês para o japonês. Como a seqüência sintática do chinês difere da do japonês, os estudiosos inseriam numerais ou sinais de inversão, chamados *kaeriten* “pontos de inversão”, indicando que a ordem de determinada parte da oração deve ser invertida, para facilitar a leitura. O símbolo era colocado ao lado esquerdo superior do trecho onde deveria ocorrer a inversão, que valia tanto para unidades sintáticas ou partes da oração. Assim, por exemplo:

- a) a locução [não √ ler] em chinês, com sinal de inversão no meio, será lido [ler não], de acordo com a regra gramatical japonesa; e
- b) as unidades sintáticas [Eu estudo 2 os textos chineses 1] em chinês, que será lido em japonês:[Eu os textos chineses estudo], seguindo a orientação dos numerais.

Apresentamos a seguir um trecho de texto chinês (*kanbun*) com a inserção de numerais citados no item b):

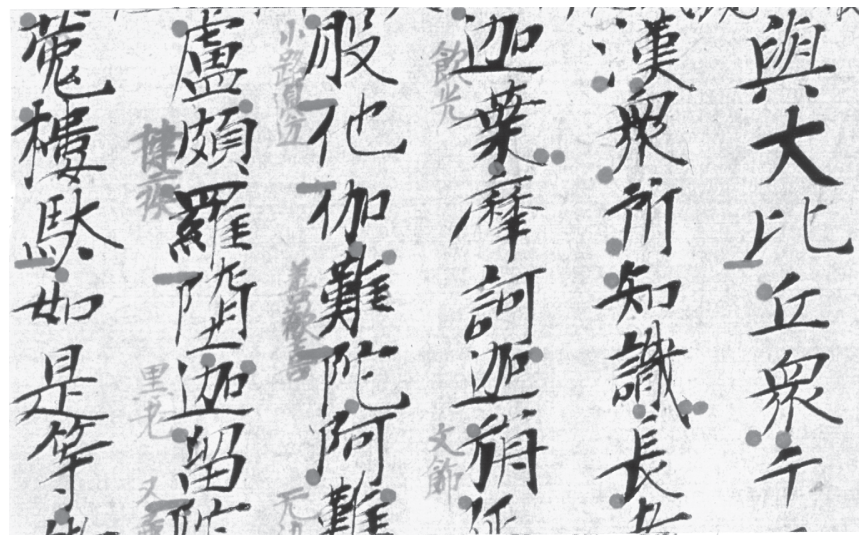


Fonte: Bunkachō (org. 1985)

Uma outra adaptação consistia em escrever as letras denominadas *kanaten*, nas entrelinhas do texto chinês, para indicar os morfemas próprios da língua japonesa. Eram utilizados *man'yōgana*, sua forma cursiva *hiragana* e *katakana*, com a predominância deste.

Outra adaptação era a inserção de sinais chamados *okototen* (são pontos, linhas retas, cruzadas, círculos, tais como: . - | \ / O ^ +), que se convencionou para indicar morfemas do japonês, a língua-alvo, porém inexistentes na língua-fonte. Esses sinais, em cores diferentes da do original, eram aplicados ao redor dos ideogramas, ou seja, em determinada parte da margem quadrada que cerca os ideogramas ou, em alguns casos, até sobre as letras, como por exemplo, no centro do quadrado.

Apresentamos um trecho do comentário sobre o sutra *Amida-kyō*, com *okototen*, marcado com as bolinhas claras ao redor dos ideogramas:



Os pontos de *okototen* indicavam ora morfemas indicadores de função sintática, ora morfemas flexíveis indicando passado, negação, polidez, suposição etc., verbos auxiliares e de tratamento, entre outros. As aplicações de *okototen* tiveram sua fase de pleno uso em séc. VIII a XII e depois começam a

declinar, tendo sido completamente substituídos por *kanaten* por volta do século XVII, quando as técnicas de impressão já estavam desenvolvidas.

Juntamente com os textos chineses marcados pelas anotações, diferentes tipos de textos anteriormente citados permaneceram ainda nos séculos posteriores, acrescentando-se o texto em estilo japonês (*wabuntai*), em que prevalece a sintaxe japonesa, e as letras, seguindo o *man'yôgana* em estilo cursivo, passam a ser *hiragana*. O texto ao estilo *senmyô* passa a ser escrito com ideogramas (com seu conceito próprio) e com *katakana*, e não mais com *man'yôgana*. Esse estilo manifesta uma influência muito grande dos textos ao estilo de *kanbun kundoku*, ou seja, texto que reproduz o estilo de tradução literal do chinês para o japonês, sendo adotado também para as obras literárias em prosa, como por exemplo o *Konjaku Monogatari* “Narrativas de Agora e Outrora”.

Assim, o *katakana* passa a ser usado para suprir a ausência dos morfemas e partes flexionais inexistentes em textos de língua chinesa, em substituição aos diferentes sinais usados para tal fim. Se, por um lado, essas formas bastante abreviadas de ideogramas contribuíram para o anotador acelerar o processo de sua inserção nos textos, por outro, facilitaram o trabalho dos leitores que puderam, assim, distingui-las dos caracteres ideogramáticos do texto original.

Ainda, o *katakana* tinha um caráter de notação provisória, sendo funcionalmente sempre subordinado aos ideogramas. Esperava-se dele apenas a função auxiliar, e seu uso era restrito ao nível do indivíduo ou de pequenos grupos de pessoas como, por exemplo, grupos de monges de um determinado templo.

Constatamos, ainda, que no Japão antigo, o ideograma tinha o estatuto de “letras de verdade” *mana*, em contraposição a “letras provisórias”, *kana*, nome genérico para designar os fonogramas, sendo que o *hiragana* tinha um caráter mais intimista e particular, estendendo-se seu uso às camadas mais populares em épocas posteriores, e o *katakana* assumia uma função auxiliar dentro do âmbito da oficialidade onde reinavam os ideogramas, usados pela camada dos intelectuais.

Os fonogramas, existentes desde o século IX, tiveram sua aceitação social e oficial somente por volta do século XIX, quando houve a consoli-

dação do Movimento da Unificação das Línguas Falada e Escrita, *Genbun Icchi Undô*, movimento resultante da grande diferença constatada entre os estilos da fala (*kôgotai*) e da escrita (*bungotai*). Mas a presença dos dois fonogramas e os ideogramas se manifestou ao longo dos séculos em diferentes tipos de textos, caracterizando cada um de seus estilos.

BIBLIOGRAFIA

- BUNKACHÔ (org. 1985) *Kokuhô 1a*, Shoseki II “Tesouros Nacionais 10, Escrituras II” Tokyo, Mainichi Shinbunsha.
- FURUTA, Tosaku e TSUKISHIMA, Hiroshi (1972) *Kokugogakushi*. “História da língua japonesa”. Tokyo, Tokyo Daigaku Shuppankai.
- HABEIN, Yaeko Sato (1984) *The History of the Japanese Written Language*. Tokyo, Univ. of Tokyo Press.
- KANEDA, Hiroshi & MIYAKOSHI, Masaru (1989) *Shintei Kokugoshi Yôsetsu*. “Considerações essenciais da história da língua japonesa – edição revisada”. Tokyo, Shûei Shuppan.
- KOKUGO GAKKAI(1986) *Kokugoshi Shiryôshi* “Materiais referentes à História da Língua Japonesa”. Tokyo, Musashino Shoin.
- MIETTO, Luiz F. M. R. (1996) Apresentação e estudo do processo de elaboração da obra *Kojiki*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Departamento de História, FFLCH-USP.
- NOMURA, Masayuki (1975) In: MORIOKA, Kenji (org.) *Nihongono Moji*. “As letras da língua japonesa”, Tokyo, Gakuseisha.
- OKIMORI, Takuya (org. 1997) *Nihongoshi* “História da Língua Japonesa”. Tokyo, Ôfûsha.
- SATAKE, Hideo (1988) “Kana no Yakuwari” “As funções de *Kana*”. In: *Nihongo Hyakka Daijiten* “An Encyclopaedia of the Japanese Language”. Tokyo, Tainkûkan.
- SATO, Kiyoji (org. 1986) *Kokugoshi* “História da Língua Japonesa”. Vol.1. 2. ed., Tokyo, Ôfûsha.

Abstract: *The present article aims to describe today Japanese writing system and analyse some of its historical aspects contributed for the formation of the system.*

Keywords: *Japanese language, history of writing system, Chinese ideograms, phonograms.*